*Para a Mama Vey, por me recordar sempre*
*de como é ter uma mãe.*



# Capítulo Um

Jane Pearce sobrevivia graças a uma dieta regular de separadores codificados por cores, uma agenda detalhada e uma caixa de *donuts* de chocolate abrir-em-caso-de-emergência. Como dama de honor por contrato, a organização era uma necessidade. O chocolate era um modo de vida.

Tinha sido um acaso, ocupar o lugar de uma dama de honor no casamento de uma completa desconhecida — porque… por que não? — e tinha-o transformado num negócio em crescimento. Como co-fundadora do Amigas da Noiva, Jane levava a sério o seu trabalho de ser sempre dama de honor e nunca a noiva.

As pessoas contratavam Jane por três razões fundamentais. A primeira era óbvia e triste: não tinham amigas. A segunda era mais comum: as outras damas de honor eram uma desgraça, causavam dramas e não ofereciam apoio, e precisavam de ser controladas por uma profissional. A maioria das noivas era honesta com os amigos e família quando contratavam uma dama de honor profissional, e Jane estava presente nessas ocasiões com a sua própria identidade. Mas o terceiro tipo de contratação, o favorito de Jane, era quando alguém queria que a identidade dela permanecesse um segredo, e era aí que Jane brilhava.

Tinha representado o papel de uma prima distante, uma enteada em segundo grau, e de uma companheira de quarto da universidade. Isso implicava reunir documentação alargada sobre todo o grupo dos noivos, uma história familiar detalhada, e criar uma narrativa credível entre Jane e a noiva. A chave era conhecer os factos e manter-se tão próxima da realidade quanto possível.

Se ela própria sonhava entrar na igreja com um véu a arrastar atrás de si, um diamante a brilhar-lhe no dedo, o homem dos seus sonhos à sua espera no altar? Claro, não era o que acontecia com a maioria das mulheres? Mas, por enquanto, sentia-se feliz por ser assistente do Cupido.

Ao fazer malabarismos com vários casamentos por semana todos os anos, sem falar de provas de vestidos, festas de noivado e despedidas de solteira, Jane tinha dominado a arte de se fundir na paisagem dos casamentos, no entanto, o seu mais recente contrato colocava um desafio original. Ia representar uma pessoa verdadeira no seu primeiro evento internacional para uma cliente famosa.

*Okay,* pronto, não era bem Sarah que era famosa, era o seu irmão mais velho. Mas, devido aos seus dotes atléticos e fama internacional, ela tinha de desempenhar impecavelmente o seu papel. Só para ser considerada para o papel, fora necessária uma verificação integral dos seus antecedentes; da sua sócia, Roxy; da sua empresa; não esquecendo os acordos de confidencialidade que tinham assinado. Nada disso deteria Jane. Um evento daquela magnitude, e um valor tão alto, transformaria o Amigas da Noiva, do pequeno negócio de charme de duas melhores amigas numa empresa conhecida, que oferecia serviços de excelência a noivas de todo o mundo.

Isso só seria possível se elas tivessem o dinheiro para expandir o negócio e incluir uma gama diversificada de damas de honor por contrato. Damas de honor que permitissem a Jane concentrar-se em fazer crescer e gerir uma empresa de altos lucros, o seu sonho desde a universidade. Sempre tivera cabeça para os negócios — poder ajudar outras mulheres ao mesmo tempo só tornava o seu trabalho melhor.

Naquele momento, ela era a cara e a coluna da empresa, razão pela qual as coisas começavam a escapar ao seu controle ultimamente. Coisas como esquecer-se de pôr o despertador ao deitar-se para uma soneca e

acordar uma hora atrasada para o seu voo noturno, o que a forçara a deixar de lado o duche e ir para o Aeroporto Internacional de Austin-Bergstorm de *leggings* pretas, uma *sweatshirt* enorme com uma nódoa escura na manga — que ela apostaria ser chocolate — e um boné.

A fila para despachar a bagagem era mais longa que a do Space Mountain na Disneyland, e ela tinha sido abalroada e empurrada por tantos passageiros que era como estar presa nos carrinhos de choque sem um carrinho. Tinha sido pisada no dedo grande do pé, levado uma cotovelada na mama esquerda, e alguém derramara café na direita. Só havia três funcionários a trabalhar, e ela tinha a certeza de que, se as coisas não mudassem depressa, ia perder o voo, o que implicava ter menos tempo para se instalar e preparar para o maior trabalho da sua carreira.

— Por isso é que só devia ter trazido mala de cabine — resmungou Jane para si própria. — Era menos uma fila.

— Oh, bons tempos — disse a mulher ao seu lado. A mulher tinha um ar exausto. Trazia um bebé preso a si como num salto de paraquedas em tandem, uma criança pequena pela mão, e malas suficientes para abrir uma loja. — Tenho sorte em sair de casa sem precisar de um bagageiro.

— Embora, na verdade, não consiga enfiar um vestido de dama de honor numa mochila grande. — Já para não falar de perucas e outros objetos de que uma pessoa precisa quando se é mestre do disfarce à paisana.

Nesta viagem, Jane não se ia limitar a ser uma dama de honor contratada, ia fazer o papel de uma pessoa real: Elle Vaughn, *socialite* de Manhattan, cavaleira de sucesso e a melhor amiga de infância da noiva — que ainda há pouco desiludira Sarah ao revelar informação privada sobre o seu irmão mais velho à imprensa. Uma vez que a noiva andava a falar de Elle sem parar à família e admitir a traição da amiga significaria ter de dizer a verdade sobre o facto de quase ter custado ao irmão o seu grande contrato de corrida, Sarah não podia deixar que uma dama de honor não aparecesse. Daí Jane e o Amigas da Noiva.

— Um casamento — disse a mulher, com ar sonhador. — Lembro-me desses tempos. Agora, as minhas amigas e eu estamos na fase dos tornozelos inchados e de tirar leite com bombas. Uma noite de martinis e menus não-livres de amendoim e glúten parece um sonho.

— Eu gosto mesmo de um bom casamento — Jane teve de admitir. As flores, a noiva radiante, a primeira dança, o romance de tudo aquilo. Eram como os contos de fadas que Jane costumava inventar sobre o pai, quando a carreira militar da mãe as levava pelo mundo e ela preferia dizer que o pai era um *roadie* com a sua banda favorita do momento, a admitir que estava morto.

— Para onde vai? Diga-me que é algum lugar lindo. — Os olhos da mulher estavam arregalados e cheios de expetativa, como se estivesse suspensa nas palavras de Jane.

— Na verdade, para Londres.

— É um casamento num destino especial?

— Não. É da minha melhor amiga de infância. Ela é de lá — respondeu Jane, indo buscar todos os pormenores como numa folha de cálculo mental. As suas costas endireitaram-se, as palavras tornaram-se mais exatas, mais Upper East Side e menos Jane da classe média. — Conhecemo-nos num acampamento equestre quando tínhamos só treze anos. Todos os verões ficávamos no mesmo beliche e escrevemos uma à outra, ao longo dos anos. Tínhamos diários que passávamos uma à outra, para partilharmos segredos e sonhos. Quando ficámos demasiado crescidas para brincadeiras de acampamentos e correspondência, a nossa amizade já era firme.

Jane teve de fazer um grande esforço para não vomitar com a mentira. A verdade era que, há apenas duas semanas, Sarah tinha estado a milímetros de matar Elle. Tanto quando Jane sabia, Sarah confiara a Elle um segredo sobre o irmão e Elle tinha ido diretamente à TMZ. Henry ainda não sabia como é que a sua reunião com uma equipa rival se tinha tornado do conhecimento público, e Sarah queria manter as coisas assim, pelo menos até depois do casamento. Por isso, tinha contratado Jane para fazer o papel de Elle.

Armada com histórias de *s'mores*, pulseiras da amizade e mergulhos secretos à meia noite — e todos os pormenores da história de Elle que conseguira encontrar *online* — Jane estava determinada a fazer a sua melhor atuação até à data. Afinal de contas, tinha treinado para aquilo a vida inteira.

— Isso é tão querido.

— Nunca conheci a família dela. — Graças a deus por isso. Era a única forma deste trabalho específico resultar. — Por isso, esta viagem vai ser divertida.

Sete dias no papel de uma *socialite* traidora? E apoiar uma noiva aflita? Estava pronta para o desafio. Jane adorava ajudar os outros a transformar o que poderia ter sido uma experiência traumática em algo a ser estimado.

Ela conhecia o trauma, tinha passado por ele. Então, se pudesse poupar uma única pessoa a esse tipo de sofrimento, então o seu esforço compensaria.

— Oh, acho que é a sua vez — disse a mulher, olhando para trás, para a assistente por trás do balcão.

— É verdade. Foi um prazer conhecê-la e espero que tenha uma boa viagem.

— Beba um martini ou três por mim.

— Sem dúvida!

Jane agarrou na pega da mala com rodas e deu um passo em direção ao seu futuro. Mas, antes de poder dar outro, um idiota deu ele também um passo… mesmo para a sua frente, cortando-lhe o caminho e quase a fez cair de rabo.

— Cuidado. — Ela segurou o boné sobre o cabelo loiro, antes que caísse.

— Desculpa, querida. Não te vi — disse um homem que soava exatamente como o Mr. Darcy. E Jane adorava o Mr. Darcy. — Estás bem?

— Ótima — respondeu ela, soando um pouco ofegante. Mas, se houvesse um homem pelo qual perder o fôlego, seria aquele. O seu Darcy de Sonho tinha pelo menos um metro e oitenta, com montes de músculos esguios e mãos grandes e masculinas. Uma das quais lhe segurava o cotovelo, forte e segura, equilibrando-a enquanto ela se orientava.

Jane não estava propriamente à procura de um homem. Na verdade, entre o Amigas da Noiva e a renovação do seu chalé degradado na baixa de Austin, não tinha tempo para um homem. Mas podia apreciar um dos bons, quando tinha literalmente chocado com ele.

— Da próxima vez, tenta fazer pisca antes de mudar de faixa — disse ele, todo giro, mas ela não achou graça. Ele culpava-a por aquilo? Que idiota!

— Sem danos nem prejuízo, segue em frente. Agora estou atrasada, portanto, se me dás licença — Jane avançou para o balcão e ele voltou a meter-se no seu caminho.

Lá estava aquele sorriso outra vez.

— Normalmente, diria que as senhoras são primeiro.

— Deixa-me adivinhar. Hoje não é um dia normal.

— Desculpa, querida. Não és a única atrasada.

Fez menção de se dirigir ao balcão, e ela agarrou-lhe no braço.

— Ei! Há uma fila, e é ali atrás.

— Eu *estava* na fila. — O idiota apontou com o polegar sobre o ombro, para a área delimitada que parecia o tapete vermelho de um evento em Hollywood. O que era adequado, uma vez que ele estava vestido como se fosse passear por Wilshire Boulevard. Eram apenas calças de ganga, uma *T-shirt* e um blusão de cabedal, mas tudo gritava dinheiro. E depois havia os óculos espelhados. Quem é que usava óculos de sol dentro de um aeroporto? — Uma vez que voo em primeira classe, sou a seguir.

— Isto é a classe económica. — Levantou o cartão de embarque. — Vês? Económica.

— A primeira classe faz o *check-in* no primeiro balcão disponível — informou-a ele. Mesmo com os óculos espelhados e o boné a esconder-lhe o rosto, ela conseguia perceber a presunção no seu olhar.

— Quem diz?

— As regras.

Ele dirigiu-lhe um sorriso que fez o seu coração dar um salto estranho. Culpando a azia, ela disse:

— Estás a ver o charme *sexy* e a covinha? Isso! — Apontou para o seu rosto. — Não resulta comigo.

— Achas que sou *sexy*?

Jane revirou os olhos.

— És mais um parvalhão. E não percebeste nada.

— Não?

— Deus, é como se tivesses a cabeça a flutuar numa nuvem de ego.

Um *flash* disparou e Jane viu manchas. Quando a sua visão voltou ao normal, o Darcy Imbecil parecia nervoso. Afundou mais o boné na cabeça e tentou fazer-se mais pequeno.

— Por favor, querida. Posso só fazer o *check-in* das minhas malas e ir-me embora?

— Se não me tivesses dito para usar o pisca, talvez tivesse dito que sim, mas tinhas de ser um idiota. — Outra câmara disparou. E outra. Ela olhou para trás e as pessoas estavam a tirar fotos do Darcy Imbecil. Não querendo que o seu rosto fosse apanhado numa única foto, porque fazer o seu trabalho implicava manter um certo anonimato, ela voltou-se de costas para a multidão.

— Quem és tu? — perguntou-lhe ela.

— Ninguém de especial.

— Não gosto de mentirosos.

Ele riu-se e os seus ombros relaxaram. O corpo dela estava tenso como uma mola. Não gostava dos sussurros e das câmaras de telefone a disparar… toda aquela atenção. Mas ele parecia contar com ela.

— És sempre assim tão direta?

— Com mentirosos, sou.

— Bom, parece que hoje é o teu dia. Agora vou ter de aqui ficar um bocado. Tem um bom voo — disse ele, e fez um gesto largo em direção ao balcão, como se estivesse a ser o mais generoso dos homens, ao deixá-la passar primeiro.

Jane queria ficar e discutir mais, mas tinha demasiado receio de perder o seu voo, por isso despachou a mala e observou com curiosidade enquanto o Darcy Imbecil era rodeado por outros passageiros, que lhe pediam autógrafos e fotografias.



Henry Norris estava habituado a tomar decisões rápidas com trânsito intenso, a uns constantes trezentos quilómetros por hora. Fora a sua capacidade para serpentear entre automóveis sem colidir a fazer dele o atual Campeão do Mundo de Fórmula 1. Portanto, a colisão com a

americana *sexy* e respondona tinha sido inesperada — e revigorante. Tinha sido uma distração agradável do turbilhão de rumores acerca da sua lealdade à equipa.

Ela não se limitara a chamá-lo à atenção pelas suas tretas, mas, antes de ele ter feito o comentário do pisca, tinha-o achado atrevido — e não fazia a mínima ideia de quem ele era. Isso não acontecia há muito tempo. Era certo que estava nos Estados Unidos, que era mais NASCAR do que verdadeiras corridas, e tinha permanecido tão incógnito quanto possível, mas, mesmo quando os *flashes* tinham começado, ela parecera-lhe mais preocupada em chegar a tempo ao seu voo do que com quinze minutos de fama.

Só isso explicava porque razão ainda pensava nela, enquanto estacionava em frente da casa geminada de estilo georgiano da sua mãe, em Chelsea, Londres. Com seis quartos e sete casas de banho, a enorme casa tinha sido a primeira coisa que Henry tinha comprado, depois de assinar o seu primeiro grande contrato com a Apex Motorsports, há sete anos.

A sua mente regressou ao dia em que tinha mudado a família para ali. O orgulho maternal na expressão da mãe estava-lhe gravado na memória.

Depois do pai os ter deixado para perseguir o seu sonho de ser mecânico nas boxes da Fórmula 3, a mãe tinha vendido a casa de família e tinham-se mudado para uma casa de dois quartos, e tido três empregos, ocasionalmente, para manter as suas irmãs mais novas alimentadas e Henry na academia de corridas. Ele tinha jurado que um dia ia cuidar dela como ela merecia. Ficava orgulhoso por poder por fim dizer que tinha cumprido essa promessa — pelo menos fiscalmente. Emocionalmente ainda era discutível.

Ele largaria tudo e viria a correr se a mãe ou as irmãs telefonassem. Mas esse era o problema, ele não vinha a casa, a não ser que elas telefonassem. Era algo em que estava a trabalhar. Podia culpar a carreira, mas seria mentira. Ele não vinha a casa tantas vezes como a família gostaria, porque isso lhe lembrava que esta nunca fora a sua casa.

Enquanto Henry andava a perseguir os seus sonhos de carros rápidos e pódios, a família tinha andado a criar memórias para a vida toda. A mãe

e a irmã mais velha, Sarah, tinham tentado mantê-lo a par, mas ouvir as coisas depois de acontecerem fazia-o sentir-se um bocadinho excluído.

Era isso que tinha sacrificado, ao ser selecionado aos quinze anos pela Apex para fazer parte da sua academia exclusiva no Mónaco. Uma infância normal. Na maior parte dos dias, defendia a sua decisão, mas, de vez em quando, como hoje, quando toda a família se juntava para comer e contar histórias, ele perguntava-se como seria fazer parte dessas recordações.

Henry ficou sentado no seu carro desportivo, com um buraco no estômago, a olhar pelo parabrisas. Os plátanos londrinos que o rodeavam estavam pesados com a chuva desse dia, e o sol do fim da tarde lançava o seu brilho cálido nas gotas suspensas das folhas. O acesso estava cheio, anunciando que ele tinha sido o último a chegar.

Com um suspiro de exaustão, saltou do carro, as pernas ainda doridas do longo voo noturno de Austin, onde tinha filmado um anúncio para um dos seus patrocinadores. Nem sequer tinha dado entrada no hotel, viera diretamente para ali, na esperança de ter um momento a sós com a irmã Sarah, a jovem noiva, antes da família do noivo chegar.

Pegando na caixa Cartier vermelha que tinha escolhido para Sarah, pousada no banco do passageiro, dirigiu-se para a porta da frente. Só que, quando lá chegou, hesitou. Já era adulto quando conseguira comprar aquela casa para a sua mãe, por isso nunca tinha verdadeiramente vivido ali. Na verdade, a não ser no Natal, raramente lá ficava — optando sempre por um hotel em vez do quarto que a mãe tinha preparado para ele —, por isso nunca sabia se devia bater ou apenas entrar.

— Raios, é só uma reunião de família — disse para si próprio, ao abrir a porta e entrar. Foi recebido pelo aroma acolhedor do pudim de pão da mãe, os sons da tagarelice da família, e memórias do fim do inverno a serem criadas. Tudo aquilo acendeu uma centelha de nostalgia no seu peito.

Henry lidava bem com um impacto de uma força de cinquenta G, mas a ideia de uma simples reunião de família, a trocar histórias de infância e piadas privadas das quais ele não fazia parte deixava-lhe as palmas a suar. Das recordações recentes ele podia fazer parte, disse a si próprio, só tinha de atacar a sua vida pessoal como atacava as pistas.

— Estou a ouvir o meu Henry? — chamou a mãe, Julia, e, céus, o som da sua voz acalmou parte do seu nervosismo.

— Desculpem o atraso — anunciou, dando a volta às escadas circulares e entrando na sala de estar, onde todos se tinham reunido. E eram mesmo todos. Entre a mãe, irmãs, e a família que em breve seria a de Sarah, todos os lugares estavam ocupados.

— Henry! — gritou Sarah, e pôs-se de pé num salto.

Ele mal tinha estendido os braços quando a irmã mais nova, Camilla, se lançou neles.

— Finalmente chegaste!

Quando deu por si, estava rodeado por um bando de mulheres Norris a apaparicá-lo. Ele não gostava particularmente de ser apaparicado, mas, tendo crescido como o único homem numa casa de mulheres, tinha-se habituado.

— O meu voo atrasou-se ligeiramente — disse ele, abraçando as três mulheres e encostando a face à cabeça da mãe. As irmãs podiam ser adultas, mas mesmo assim mal lhe chegavam ao queixo. E a mãe? Não tinha mudado nadinha. Podia ter o cabelo um bocadinho mais grisalho, e mais algumas rugas de riso, mas tinha o mesmo espírito jovem de que se lembrava da infância.

Quando as largou e deu um passo atrás, Sarah disse:

— Hen, apresento-te o Wayne, o meu noivo. Wayne, este é o meu irmão.

Wayne levantou-se apressadamente e estendeu a mão.

— Ei, Hank, é um prazer conhecer-te. Posso chamar-te Hank, ou ainda é muito cedo para nomes de comparsas?

Henry teve de se esforçar muito para não revirar os olhos. Wayne era exatamente o que imaginara. Alto, desengonçado, com excesso de zelo americano.

Henry aceitou a sua mão e, ao resto da sala, pareceu um cumprimento educado entre dois homens, mas o que Henry lhe deu foi um aperto de mão longo, duro e doloroso. Os olhos de Wayne arregalaram-se, quando Henry se debruçou para um abraço masculino e sussurrou:

— Magoas a minha irmã, e o que lhe fizeres, faço-to dez vezes pior.

O noivo abriu um sorriso nervoso, mas Henry não. O seu rosto não se moveu nem um bocadinho.

— Apresenta-me os teus pais — disse Henry.

— Os meus pais. Certo. — Wayne recuperou a mão e aninhou-a ao peito. — Estes são os meus pais, Debbie e Donnie.

Donnie era um espelho do filho, apenas um pouco mais redondo na barriga e mais grisalho. Debbie parecia divertir-se a ser a presidente do concurso local de colchas e compotas.

— Somos grandes fãs — disse Donnie, dando um aperto de mão a Henry.

Este era território familiar para ele, mas, por alguma razão, ser visto como o Campeão Mundial Henry Norris na casa da sua mãe desorientou-o por um momento. Nunca se importava de assinar um boné ou de sorrir para uma foto, mas não na privacidade da sua casa. Esperando que ninguém reparasse, estampou o seu melhor sorriso-para-as-câmaras.

— Obrigado.

O olhar da mãe cruzou-se com o dele, apologético. Tinha reparado. E algo nisso voltou a endireitar o seu mundo.

— É um prazer conhecer-te — disse Debbie. Ele estendeu a mão, mas ela abriu os braços. — Nada disso. Gosto de abraços. Agora vem cá e dá-me um.

Henry fez o que lhe disseram. E a mulher não estava a mentir, gostava mesmo de abraços. Balançou-o de um lado para o outro, para trás e para a frente, a esfregar-lhe as costas e a dar-lhe palmadinhas nos ombros, como se ele tivesse cinco anos e fosse o seu primeiro dia de escola.

Por fim, a mulher soltou-o e perguntou:

— Então, conta-nos, Hank, conheces o Dale Earnhardt Júnior?

— Mãe! — exclamou Wayne. — O Dale está na NASCAR. O Henry corre na Fórmula 1.

— Bem, são os dois pilotos de corridas, não são?

— Isso é como perguntar-lhe se conhece o Travis Kelce — Sarah tentou explicar.

Os olhos de Debbie iluminaram-se de entusiasmo.

— Conheces?

— Sim — disse Henry. — Fizemos um evento de solidariedade juntos. É um tipo fixe.

— Que excitante — disse Debbie, depois voltou-se para o marido. — Não é excitante, querido?

— Onde está a tua amiga? — perguntou Julia, olhando fixamente para ele.

— Qual amiga? — respondeu Henry, desejando que voltassem a interrogá-lo sobre quantas pessoas famosas conhecia.

— A atriz loira — Julia sacudiu uma mão, como se fosse descrição suficiente. — A que estava nua naquele filme. Pensei que a trarias esta noite.

— Não há nenhuma atriz loira. Onde é que ouviste isso?

— Nas notícias.

Ele suspirou.

— Mãe, a *Globe* não são as notícias.

— Então, não é tua namorada?

Não, definitivamente não era. Isso não queria dizer que não tivessem tido uma noite aqui e ali. Mas não estavam juntos, isso era certo. Na verdade, não estava com ninguém. Não tinha havido ninguém sério desde a sua ex. Bastava que uma pessoa que amávamos vendesse os nossos segredos à imprensa para aprender essa lição.

— Continuo solteiro. — Foi como se tivesse dito que o Papa tinha morrido.

Quando lhe pareceu que Julia não ia largar o assunto, Sarah interveio.

— E se fôssemos todos para a sala de jantar? De certeza que o jantar está pronto e não queremos que arrefeça, pois não? — Levou a mãe pelo cotovelo. — Mãe, vai à frente.

Sarah esperou que toda a gente saísse da sala, mas puxou Henry para trás quando ele ia a sair.

— Desculpa aquilo. Eles nunca estiveram com ninguém famoso antes. E estou sempre a dizer bem de ti. É como se já te conhecessem.

Henry estava habituado a apresentações desequilibradas, em que um lado sabia tudo sobre ele, e ele nem sabia o nome deles. Fazia parte.

— Tudo bem, Sarah. Estamos só a conhecer-nos uns aos outros. É normal haver algum desconforto.

— Mas eu quero que corra tudo na perfeição.

Ele sorriu-lhe.

— E vai. Porque, aconteça o que acontecer, vou apoiar-te e vou estar sempre aqui para ti. Sabes disso, certo?

— Sei. Só quero que gostes do Wayne.

— Se tu gostas dele, então eu também gosto dele.

— Eu amo-o — corrigiu ela. — E sei que já disse isto antes, mas isto é diferente. Ele é diferente. Não é o Oliver.

Algo protetor e selvagem deu um nó no seu peito, ao ouvir o nome daquele sacana. O ex de Sarah não só se revelara um completo filho da mãe, como também fora um aproveitador, e Henry só tinha percebido tarde demais. Pior, tinha sido Henry a trazê-lo para o círculo íntimo da família.

Oliver nunca tinha amado Sarah. Só andava atrás do estilo de vida que vinha com o convívio com os ricos e famosos. Era uma sanguessuga de fato elegante, mas Henry tinha estado demasiado ocupado com a sua carreira para reparar que o tipo se estava a atirar à sua irmã. Não permitiria que isso voltasse a acontecer.

Razão pela qual, desta vez, ele tinha contratado um investigador para verificar os antecedentes de Wayne e da sua família. Até mais ver, eram o que pareciam. Uma típica família com laços estreitos da classe média-alta do Midwest, proprietária de uma empresa de aluguer de equipamentos no Missouri. Wayne tinha comprado a sua primeira propriedade no ano anterior, uma casa térrea, tipo fazenda, segundo palavras do investigador, localizada a poucos quarteirões da de Debbie e Donnie.

Não que ele pensasse que Wayne ia desejar lá ficar, já que o apartamento de Sarah em Notting Hill era três vezes maior e mais caro. Tinha sido um presente de Henry, por se ter formado sendo a melhor da turma, na universidade.

— O Oliver foi culpa minha — disse ele gentilmente. — Não tua.

— Eu é que concordei em manter a nossa relação em segredo durante tanto tempo.

— Ainda estavas na faculdade. Eu concentrei-me nas coisas erradas. Ficaste esquecida. Não vai voltar a acontecer.

— Já não preciso de guardião. Só de um irmão.

— Tens-me a mim.

— Eu sei. — Ela ficou em silêncio por um bom momento. — Razão pela qual é importante para mim que sejas próximo do meu marido. Quero que te sintas confortável com ele e vice-versa, porque, quando tiver filhos, quero que estejas por perto. O tempo todo.

Céus, filhos. A sua irmãzinha tinha idade suficiente para pensar em casamento e filhos. Parecia que ainda ontem ela chorava nos seus braços, a perguntar porque é que o pai não voltava para casa. Agora era *designer* gráfica numa empresa média em Londres e estava prestes a dar o nó.

Ele penteou-lhe o cabelo castanho escuro para trás da orelha e sorriu docemente com a ideia de ser tio.

— Não ias conseguir manter-me à distância. — Pôs a mão no bolso de trás e tirou a caixa de joias vermelha, estendo-lha.

Sarah olhou para ela com um prazer surpreendido.

— O que é isso?

— Um presente de casamento adiantado.

— Estás a pagar o casamento todo. — Ele estava a custear a semana toda de festejos de casamento, mas queria o melhor para a irmã. — Não tinhas de me oferecer nada.

— Eu queria. — E era verdade. Adorava mimar as mulheres da sua família. Enchê-las de presentes era a sua forma de expressar amor. Nem sempre conseguia lá estar em carne e osso, mas podia pôr-lhes um sorriso no rosto com um gesto atencioso.

Quando ela não pegou na caixa, ele abriu-a e estendeu-lha, para lhe mostrar. Os olhos dela brilharam com gratidão, depois ficaram húmidos. Pousou uma mão no peito.

— É lindo.

— Pode servir de tua coisa nova e de tua coisa azul — disse ele, mostrando o colar de safiras e diamantes, que enquadraria na perfeição o pescoço da irmã. Pelo menos segundo a mulher na joalharia, quando ele lhe mostrara uma fotografia de Sarah no seu vestido de noiva. — A não ser que tenhas outra coisa em mente.

— Não. — Levantando o cabelo, ela deu meia volta. — É perfeito. Podes pô-lo? Quero ver como fica.

Henry apertou o colar em torno do pescoço de Sarah, e ela correu para o espelho pendurado atrás do sofá. Tocou-lhe como se fosse tão frágil como a geada matinal. O seu olhar cruzou-se com o dele no espelho, e sorriu.

— Obrigada. E porque estás a ser tão querido esta noite, não te dou uma sova por teres ameaçado o Wayne.

— Só porque queres que goste dele, não quer dizer que não o ameace de vez em quando. É um dos benefícios de ser o irmão mais velho.

— E o benefício de ser a irmã mais nova? Contar à mãe que foste para a cama com a atriz loira.



# Capítulo Dois

Jane prendeu o último pedaço de fio com um pionés à parede do hotel e sentou-se na cama a admirar o seu trabalho. O seu Quadro da Noiva estava completo. E, modéstia à parte, era uma obra de arte. Era uma compilação minuciosa de fotos e *post-its* com informações básicas — relações, idades, alturas, cor do cabelo, etc. — de todo o grupo dos noivos e de todos os membros da família.

Como um Quadro de Homicídio, começava com a noiva e o noivo no centro, e espalhava-se a partir daí, apontando todas as pessoas de relevância. Quando havia um papel a representar, a sócia de Jane, Roxy, ia ainda mais fundo, criando um portefólio sobre cada pessoa envolvida, para além do que preparavam sobre a pessoa que Jane ia encarnar.

Naquele caso, o ficheiro era extenso. Havia os diários entre Sarah e Elle, bem como as anotações que Jane fizera durante as entrevistas com Sarah sobre a relação delas. E não apenas anotações sobre Elle, mas também sobre o noivo de Sarah, a sua família, os convidados. Jane tinha um arsenal do tipo de pormenores e histórias que as melhores amigas de infância e melhores amigas atuais teriam partilhado. Era definitivamente o papel da sua vida. Razão pela qual Jane precisava desta noite extra para se preparar. O futuro da sua empresa dependia disso.

O Amigas da Noiva tinha sido contratado há menos de duas semanas, por isso Jane e Roxy tinham estado a trabalhar pela noite fora, a prepararem-se para este casamento. Tinha de correr na perfeição. Especialmente se queriam o bónus adicional que Sarah oferecera.

— Estás mesmo a pintar o teu cabelo verdadeiro? — perguntou Roxy, do ecrã do computador.

Jane tocou no cabelo, que estava nesse momento coberto com uma touca para a tinta.

— Se só tenho uma cabeleira loira, o que é que vou fazer? O cabelo da Elle é loiro arruivado, não é loiro. Não viste isso na minha descrição no portefólio?

Roxy abriu o dossiê, empurrou-o para a frente da câmara do computador, e apontou para a descrição.

— Loiro, l-o-i-r-o. Nenhum arruivado à frente, só loiro.

Jane abriu o ficheiro de Elle na primeira página, que tinha uma lista de informação básica, e verificou o que escrevera.

— Merda. Nunca cometo erros destes.

— Exatamente — disse Roxy, com ar presunçoso, depois recostou-se na cadeira e começou a limpar as unhas com um canivete.

— Nunca devia ter aceitado isto. É um trabalho apressado.

— É um trabalho capaz de mudar uma carreira — corrigiu Roxy, e tinha razão.

Não só era um casamento internacional de uma semana, era o casamento com gente mais famosa na história do Amigas da Noiva. O que é que ela tinha em mente, ao deixar Roxy, uma mulher que só usava preto, encarregue do seu conjunto de disfarces?

— Talvez seja melhor assim. Talvez estivesse destinada a pintar o cabelo. Isso não dá espaço para erros — disse ela. — Vou com tudo. Vou usar a abordagem dos atores de método.

Seria Elle a partir do momento em que saísse do quarto, de manhã, até ao dia em que saísse do casamento. Jane, a miúda normal e comum, filha de uma militar, com cabelo cor de milho e explosões aleatórias, como a do aeroporto, ficava para trás. Pelo menos até voltar a aterrar nos Estados Unidos.

Deixou-se cair na cama e pousou o computador no colo.

— Acabaram-se os deslizes para esta dama de honor contratada.

— Por isso é que adiei o teu voo quatro dias depois do casamento. Ficas instalada no Continental, e tenho um itinerário de coisas para veres em Londres, incluindo um dia num *spa*, para poderes regressar rejuvenescida e fresca.

— O nosso negócio está a aumentar imenso. Não posso desperdiçar quatro dias neste momento. Temos três casamentos para preparar nas próximas semanas.

— Agora é o momento perfeito, e se tentares escapar-te a um único dia do teu tempo livre, inscrevo-te no Bumble e digo que adoras jantares à luz das velas e longos passeios pela praia.

— Detesto areia.

— Detestas ainda mais estar errada — disse Roxy, e Jane gemeu. Odiava estar errada. Nada gritava fraqueza mais do que não estar preparada, e a preparação era a resposta para tudo. — Isto é sério, Jane. Não tens tempo para ti desde o teu término. E isso foi há dois anos. Precisas de um descanso, e talvez de um ou dois orgasmos.

As suas mãos ficaram húmidas com a ideia, porque ter encontros implicava expor o seu verdadeiro eu, e ela não era essa pessoa desde que o pai morrera, quando tinha doze anos. Na verdade, já nem sabia bem quem realmente era.

Tinha passado tantos anos a dar às pessoas o que elas queriam — a Jane Feliz, a Jane Engraçada, a Jane Controlada — que se tinha esquecido de quem era a Apenas Jane. Tinha começado quando a mãe deixara de chorar pela morte do pai e a recear que as emoções de Jane não seguissem a mesma cronologia, por isso, em vez de preocupar a mãe, Jane limitara-se a começar a fingir. E esse fingimento estendera-se aos miúdos na escola, aos professores, amigos, até estranhos. Agora, Jane estava a meio da casa dos vinte e a sua profissão era fingir. Não queria ter de fingir para um companheiro.

Tinha experimentado e ficado com o coração destruído.

— Não estou à procura de ninguém neste momento.

— Nem todos são o Adam — disse Roxy. — Limitas-te a ajudar noivas a terem o melhor dia das suas vidas. E isso não tem que ver contigo,

tem que ver com trabalho e com sobrevivência. O facto do Adam não conseguir perceber isso diz mais sobre ele, do que sobre ti.

— Devias ter visto a cara de nojo dele, quando lhe contei o que fazia.

Adam sabia do Amigas da Noiva, só não tinha percebido até onde Jane iria por uma cliente. Por isso, ao perceber que o seu trabalho era representar papéis, tinha-lhe chamado vigarista. Tinha dito que não podia confiar numa pessoa cujo trabalho era mentir e tinha-a deixado sem olhar para trás.

— Quase me fez esquecer que o amor existe — continuou Jane. — Não estou pronta para me voltar a expor.

— Podias magoar-te? Claro. Mas e se resultasse?

— Queres dizer, se encontrasse o meu Knox? — disse ela, referindo-se ao namorado de Roxy.

— Sim.

A amiga simplesmente não compreendia. Tinha o namorado perfeito. Por fora, parecia o líder de um gangue de motoqueiros, mas por dentro era um ursinho de peluche, que amava e apreciava Roxy pelo que ela era.

— Nem toda a gente tem um Knox. É um unicórnio entre burros.

— Nunca vais descobrir se não voltares a sair. E nenhuma relação é perfeita. O Knox é maravilhoso, mas é um guardião do termostato, ninguém pode mexer nas definições, não vá entrar em combustão espontânea. Também tem a ilusão de que é bom em faça-você-mesmo e não encontra nada dentro do frigorífico. Mas nada disso importa. O que importa é o amor e o respeito entre nós. É o que quero para ti.

— Estou bem como dama de honor por agora. Não preciso de ser a noiva.

— Não deixes que um parvalhão te defina.

— Não deixo. Só não faço questão de entrar num relacionamento, a não ser que apareça um e me dê uma traulitada na cabeça. — O que era quase tão provável como encontrar um unicórnio.